

**MONTE DO GALO: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS
CATÓLICAS (XIX – XXI)**

*Sylvana Brandão
Fábio Mafra
Edson Araújo*

RESUMO

O eixo central desta investigação é a análise das práticas devocionais católicas que ocorrem no Monte do Galo, localizado no município de Carnaúba dos Dantas, RN, microrregião do Seridó, em especial a devoção à Santa Luzia e São Bento. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, em que o tempo não é linear; dito de outra forma, para compreensão dos mitos, ritos e simbologias devocionais, construiu-se um diálogo permanente entre o presente e o passado. Do ponto de vista teórico, fez-se necessário convergir várias vertentes de abordagem, isto é, a prática da heteroglossia, no dizer de Peter Burke. Assim, há uma confluência entre a História, a Etnohistória e a História Oral; do que foi registrado, destacam-se, respectivamente, as contribuições de Geertz, Steil, Brandão e Prins. Quanto à definição de espaço, foram fundamentais as contribuições de Pierre Bordieu para a compreensão do que é campo, subcampo e as relações estabelecidas entre os agentes na administração do capital religioso e simbólico. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se constitui como exploratória, descritiva e estudo de caso. Também foram realizadas entrevistas semi estruturadas. Entre os resultados, aponta-se o crescimento das mencionadas devoções no alvorecer do século XXI, e uma tensão ininterrupta entre a hierarquia clerical e grande parte dos devotos, decorrente de um processo de disciplinamento que a Igreja busca impor para uma devoção de raízes leigas.

PALAVRAS CHAVE: Catolicismo; Religiosidade; Devoção

ABSTRACT

The central object of this investigation is the analysis of catholic devotional practices, particularly those pertaining to Santa Luzia and São Bento, in Monte do Galo, located in the municipality of Carnaúba dos Dantas, RN, in the Seridó micro-region. The study is characterized as a qualitative preliminary research in which time is not linear; put another way, a permanent dialogue was constructed between past and present in order to understand myths, rituals and devotional symbols. From a theoretical perspective, it was necessary to bring together various approaches, or *heteroglossia*, as employed by Peter Burke. As such, this study combines history, ethnohistory and oral history; contributions by Geertz, Steil, Brandão and Prins are relevant to that which was detected in the study. As for the definition of space, Pierre Bordieu's contributions, particularly the concept of *field*, were fundamental to comprehend the relations between agents involved in the administration of symbolic and religious capital. From a methodological point of view, the study is characterized as exploratory, descriptive and as a case study. Semi-structured interviews were also conducted. The results indicate a growth in the devotions in the beginning of the 21st century, and a uninterrupted tension between the cleric hierarchy and most of the devotees, owing to a disciplinary process imposed by the Church over devotional practice with non-clerical roots.

KEY WORDS: Catholicism; Religiosity; Devotion

Introdução

Fruto de um trabalho paralelo, quando da realização de uma campanha arqueológica ocorrida entre os meses de novembro e dezembro de 2008 na referida região, o objetivo precípua da pesquisa foi a compreensão não apenas da História do Monte do Galo, mas também das práticas devocionais neste santuário católico e do processo de disciplinamento desta devoção por parte da hierarquia católica.

A partir da fundação dos Institutos Nacionais de Pesquisa Histórica e Geográficas, na segunda metade do século XIX até a última década do século XX, a História das Religiões, no Brasil, restringia-se à História da Igreja e de suas relações institucionais. Grande parte desta produção é elaborada por intelectuais católicos, tanto religiosos, como leigos. Permeada por uma filosofia tomista e metodologicamente definida a partir das mais variadas acepções do positivismo, esta historiografia elegeu sempre como temática principal as relações sociais e políticas entre Igreja e Estado.

No decorrer da consolidação da pós-graduação brasileira, entre as décadas de 60 e 80 do século passado, a Antropologia e a Sociologia construíram espaços à compreensão dos fenômenos religiosos, desta vez não mais circunscritos ao mundo cristão. Aqui, merece destaque, por exemplo, os trabalhos dos antropólogos Roberto Motta¹ e Danielle Rocha Pitta².

Na década de noventa do século XX, o estudo das práticas, crenças e ritos da religiosidade católica e de outras expressões religiosas decorreu de um diálogo interdisciplinar construído pela História após o processo de abertura às outras ciências sociais. Desta vez, com a formulação de novos paradigmas, reflexões e práticas metodológicas; assim, investigações sobre devoção, paulatinamente, passaram a conquistar um profícuo espaço de investigação histórica³, em especial, também com as Ciências da Religião, que não podem prescindir do uso dos conceitos e metodologias da História.

No devir da consolidação dos estudos sobre religião no Brasil, cabe registrar uma emblemática confluência entre concepções marxistas com a leitura pioneira de obras sobre religião dos fundadores dos *Annales*, no Brasil dos anos oitenta do século vinte. Dito de outra maneira, ao tempo que o CEHILA⁴ consolidava uma vasta produção de interpretações marxistas sobre História do cristianismo no Brasil, intelectuais vinculados às universidades absorviam tanto esta produção (por vezes refutando, por vezes ressignificando) como também absorviam as obras oriundas das diversas gerações dos *Annales*⁵, a exemplo de *Os Reis Taumaturgos*⁶, de Marc Bloch. Ainda nos anos 80,

a difusão da História das Mentalidades também elegeu como tema de investigação assuntos relacionados ao Cristianismo, desta vez, não apenas como influência direta dos *Annales*, mas de historiadores italianos, como Carlo Ginzburg⁷. À guisa de exemplo, aqui pode ser incluída a historiadora Laura de Mello e Souza⁸, Ronaldo Vainfas⁹, Luiz Mott¹⁰ e Carlos André Macêdo Cavalcanti¹¹.

Este campo intelectual, no dizer de Bourdieu, possui a tensão como argamassa natural, pois faz coexistir gerações diversas. Assim, na passagem do milênio, a História das Religiões no Brasil está fartamente enriquecida, seja pela variedade de opções teóricas, variedade de abordagens, multidisciplinaridade de temas, seja pela imensa quantidade de obras lançadas anualmente no mercado nacional ou ainda pelo surgimento de associações e grupos de estudo sobre religião e religiosidades.¹²

Com efeito, no panorama da historiografia atual, nota-se um enorme crescimento de trabalhos, a partir de estudos de casos, dedicados às variadas manifestações de religiosidade devocional, especialmente católicas¹³.

Diante da diversidade de fontes e abordagens inerentes ao nosso objeto de estudo, a compreensão de tal fenômeno religioso e de seus protagonistas tornou-se possível através de um estudo pautado numa perspectiva interdisciplinar. Registros documentais – jornais, por exemplo -, iconográficos – fotografias da primeira metade do século XX –, bem como informações transmitidas pela oralidade, aliadas ao trabalho de campo efetivado no dia da Festa de Santa Luzia e São Bento, consubstancializaram a investigação.

A contribuição de trabalhos no âmbito sociológico, antropológico e histórico possibilitaram, além de análises comparativas a outros espaços de devoção, compreender as permanências, rupturas, bem como a dimensão social e cultural das práticas devocionais. Dado o curto espaço que não nos permite aqui aprofundamentos teóricos, cabe registrar de início a contribuição do clássico Durkheim, e sua compreensão do fenômeno religioso a partir de sua dimensão social, solidária e coercitiva; dito de outra maneira, Durkheim considera a religião não apenas como um sistema de idéias, mas, sobretudo como um sistema de práticas:

Os crentes, isto é, os homens que vivendo a vida religiosa têm a sensação direta do que a constitui [...] sentem que a verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à

ciência, representações de outra origem e de outro caráter, mas nos fazer agir, nos ajudar a viver. O fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é um homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas, porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, aliás, sob qualquer forma que se conceba o mal. O primeiro artigo de fé é a crença da salvação pela fé¹⁴.

As investigações históricas sobre religião empreendidas por Max Weber, em especial a compreensão da ética da razão moderna, tiveram como objetivo primordial compreender, através das relações entre religião e política, a própria essência da Modernidade, ressaltando como os sistemas religiosos, ou outras religiões mundiais, corroboraram posturas de aceitação, rejeição ou reinvenção de estilos de vida. Nesse sentido, Weber dedicou seus estudos sobre economia propriamente dita quando a compreendia como sobre determinação ao sucesso do capitalismo moderno; o que significa dizer que Weber conseguiu fazer um denso estudo comparativo sobre o *ethos* religioso e econômico através da História. Infelizmente, seu projeto ficou incompleto, o seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*¹⁵ é tão somente uma pequena partícula de uma ambição que almejava escrever sobre o Islã, o Catolicismo Medieval e o Cristianismo Primitivo. Weber aspirava tecer ilações históricas entre diferentes práticas religiosas e construiu tipos ideais que ainda hoje podem dar conta da peculiaridade não apenas restrita ao mundo dos protestantes tradicionais, mas de toda a tradição judaico-cristã.

Destarte, estas contribuições fundamentam, no plano teórico, a análise das práticas devocionais no Monte do Galo, visto que fornecem considerações sócio-antropológicas acerca do fenômeno religioso e de seu caráter solidário, associativo; bem como do papel desempenhado por instituições religiosas como a Igreja, que atua como norteadora da conduta moral e, não obstante, das ações e motivações de determinados grupos sociais.

Dentre os teóricos contemporâneos da Religião que também nos fornecem referenciais analíticos, temos o antropólogo americano Clifford Geertz, produtor de vários escritos de natureza teórica e etnográfica. Ao procurar traduzir textualmente as

observações que realizou em regiões como a cidade de Java, na Indonésia, Geertz construiu o que chamamos de descrição densa.

Quando dizemos que um homem é religioso, ou seja, motivado pela religião, isso é pelo menos parte [...] do que desejamos dizer. Outra parte do que queremos dizer é que ele, quando estimulado de maneira adequada, tem suscetibilidade a certas disposições, disposições que às vezes englobamos sob rubricas tais como "reverente", "solene", ou "devoto". [...] As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia - para não falar do poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais¹⁶.

Ainda no tocante à etnografia, destacam-se os estudos de Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão, que primaram, respectivamente, pela investigação da religiosidade do santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia¹⁷; e do santuário de São Francisco das Chagas do Canindé¹⁸, no Ceará. Com efeito, estes trabalhos, ao demonstrarem a tensão estabelecida entre a instituição eclesiástica, administradora do culto religioso, e as expressões espontâneas de religiosidade dos fiéis leigos, consubstanciam esta pesquisa sobre a devoção à Santa Luzia e São Bento, já que reflexões dos mencionados autores e observações semelhantes foram identificados no santuário seridoense, no decorrer da pesquisa de campo. Para Steil e Brandão concomitantemente ao historiador Riollando Azzi¹⁹, as devoções católicas do Brasil quase sempre nascem de formas espontâneas, e ao tomarem uma dimensão de largo alcance, a Igreja Católica, necessariamente, tenta disciplinar os devotos para manter o controle dos devotos, no dizer de Michel Foucault²⁰.

Em nosso trabalho, cabe ainda destacar as reflexões de Peter Berger sobre o processo de secularização e de reencantamento da religião na Modernidade. Ou seja, simultaneamente a presença de vigorosos movimentos de contra-secularização, Berger destaca dois níveis de atuação da secularização, o societal e o da consciência individual, nos fazendo perceber a situação atual do pluralismo religioso moderno e, com acuidade, nos faz compreender que as religiões só existem enquanto mantêm estruturas de plausibilidade que garantam sentido às visões de mundo, ancoradas em certezas subjetivadas.

Algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso. Inversamente, instituições religiosamente identificadas podem desempenhar um papel social ou político mesmo quando muito poucas pessoas confessam ou praticam a religião que essas instituições representam²¹.

Na senda descerrada por Durkheim e Weber, não seria possível deixar de registrar a imensa contribuição das reflexões de Pierre Bordieu sobre o papel da religião no devir histórico que nos foi absolutamente necessário à elaboração de nossas formulações teóricas. Bordieu, com suas considerações acerca de campo e sub campos, *habitus* e capitais nos proporciona uma plasticidade harmoniosa sobre o sentido das religiões e das religiosidades, posto que rompe com a noção da história como estrutura estável. Para Bordieu, a religião é um campo autônomo, que coexiste simultaneamente com vários sub campos, e seus agentes se relacionam através de discursos e intradiscursos. Na verdade, Bordieu faz uma brilhante reelaboração da tipologia weberiana, ao tecer ilações entre agentes religiosos e agentes leigos como um único conjunto de relações. Aqui, Bordieu considera a religião como mercado de bens simbólicos, onde os agentes sacerdotais produzem e os leigos consomem. Cabe, por conseguinte, compreender que esta constatação nem sempre é verossímil. No Monte do Galo, muitas vezes observamos, em nossas pesquisas de campo, exatamente o contrário. Ou seja, os leigos orientando os significados e significantes daquilo que Bordieu nomeia como capital simbólico e mercado de bens religiosos²².

No que se refere às fontes orais, sistematizadas através de entrevistas semi estruturadas, nos foram basilares as considerações teórico-metodológicas acerca das possibilidades analíticas deste tipo de registro a partir de trabalhos como o de Gwyn Prins.

O Conjunto Religioso do Monte do Galo localiza-se no município potiguar de Carnaúba dos Dantas, circunscrito à microrregião sertaneja do Seridó, que compreende vários municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba. A região é considerada como área de maiores recursos hídricos e de terras cultiváveis mais férteis do que as áreas limítrofes; é bacia leiteira e criadora de gado, todavia hoje sofre rápido processo de

desertificação produzido pelo desmatamento indiscriminado, com os rios cada vez menos caudalosos²³.

A antiguidade da presença humana neste espaço tem sido registrada através dos diversos sítios arqueológicos localizados na área, alguns com datações que recuam até 9000 antes dos tempos presentes; isso demonstra o quão remota é a ocupação deste território por grupos indígenas pré-históricos. Tais grupos humanos habitavam, preferencialmente, lugares elevados na parte alta das serras, orientados para os cursos d'água; nestes locais são localizadas fogueiras e algumas estruturas funerárias, com pouca densidade de material arqueológico²⁴.

Durante o período colonial, mais especificamente no século XVIII, nas margens destes mesmos rios que já comportavam desde tempos remotos aquelas populações humanas, deu-se o processo de ocupação por parte dos colonizadores brancos a partir do vetor expansionista da pecuária. Esta atividade econômica estava voltada para o abastecimento interno da colônia, dando suporte ao impulso colonizador litorâneo, articulando-se à grande lavoura de exportação bem como à conquista do interior²⁵.

Nesse processo surgem povoados e toda uma sociedade sertaneja, o que não passou despercebido pelos antigos habitantes nativos. Ao empurrar populações e gado para a caatinga sertaneja, edificando fazendas e currais sob os antigos territórios indígenas, o conflito entre as sociabilidades era inevitável. Paulatinamente, diante da resistência nativa, os sertões tornam-se palco de sangrentos confrontos, onde a esmagadora maioria dos índios é eliminada nos embates com as tropas coloniais e exércitos particulares; a acanhada parcela que sobrevive ao massacre integra-se, submissa, ao surgimento das povoações e vilas do sertão²⁶.

Os primeiros centros de devoção no interior surgem dentro deste processo de expansão territorial. Neste contexto, surgem diversos locais de culto e de importantes romarias tradicionais²⁷.

O mito do “canto do galo”

*Por tais razões se perguntavam
Com espanto ou com surpresa
Porque cantava o Galo acolá!
Um mistério da natureza?
E a estória começou a se espalhar,
Foi assim que de Monte do Galo começaram a
chamar.*
(Auta Rodrigues de Carvalho, poetisa
carnaubense)

Formada num misto de imaginário, fé e devoção, a história do Monte do Galo está relacionada também com a própria colonização do Seridó, intensificada com a instalação de fazendas durante o século XIX. A tradição da “Lenda do Cantar”, legada pela oralidade até os dias atuais, nos relata que nas primeiras décadas de 1800, os vaqueiros da Fazenda Baixa Verde, ao campear e cuidar do gado escutavam, nas proximidades de um ermo acidente geográfico da região conhecido como Serrote Grande, o solitário canto de um galo²⁸.

Os vibrantes cânticos teriam sido ouvidos, também, por tropeiros que transportavam alimentos do Rio Grande do Norte à Paraíba, e que por ali pernoitavam. Este canto foi associado pelo imaginário religioso coletivo a uma misteriosa e sagrada “anunciação”, ainda em fins do século XIX, e o outrora Serrote Grande passa a ser conhecido como Serrote do Galo²⁹.

Do mesmo modo, o fator milagre concorre para a sacralidade deste santuário. Concordando com Brandão, entendemos por milagre “a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre como solução prática, cotidiana”³⁰.

Dentre os vários milagres difundidos entre os fiéis e romeiros destaca-se um caso ocorrido no ano de 1958, onde uma mulher acometida por uma doença que lhe paralisou os membros inferiores, foi carregada por seu companheiro ao topo do Monte do Galo; após rezar nos pés da imagem de Nossa Senhora das Vitórias, esta recebeu como benção a cura de sua enfermidade³¹.

Outro testemunhos da intervenção divina perpetuado até hoje pela oralidade nos relata que uma cabra, após cair do alto do serrote – cerca de 155 metros de altura – não teve nada de grave³².

HISTÓRIA ORAL: PEDRO ALBERTO, O MILAGRE E O CRUZEIRO

*Do Monte ao campo, da serra à cidade
Do bem se emana hosana divina
Nesta festa d'alma, encanto e bondade
Onde o povo fiel feliz se inclina.*
(Hino de Nossa Senhora das Vitórias do Monte do Galo. Letra de Abel Rodrigues de Carvalho; música de Felinto Lúcio Dantas).

Findo o século XIX, os carnaubenses tomam o canto e os demais fatos ocorridos no Serrote do Galo como relacionados ao divino. Contudo, um dos maiores “milagres” que permeiam o imaginário religioso do Seridó ocorreu nos seringais do Acre, no começo do século XX, auge do ciclo da borracha. Trata-se da experiência de Pedro Alberto Dantas (1878-1960) e sua cura por *Nossa Senhora das Vitórias*; narrativa obtida através de entrevista³³ realizada com a filha do mesmo, Júlia Albertina Dantas, de 87 anos:

Tudo começa com a viagem³⁴ do meu pai ao Acre. Ele vai prá lá trabalhar nos seringais... foi trabalhar na borracha...era o que dava dinheiro, e ele foi pra tentar melhorar de condição, porque era muito pobre, família humilde. E ele foi com esse objetivo... que foi desfeito por causa da doença. Beribéri, né? Doença terrível, matou muita gente nessa época. Aí ele estava lá, ardendo em febre, três dias, era uma febre terrível... dormindo e acordado, no delírio da febre, aparece a ele Nossa Senhora das Vitórias. E ela diz a ele: “Se queres viver, volte a sua terra natal o quanto antes; leva contigo uma imagem minha; chegando lá, serás o maior comerciante, e depois o menor; serás muito perseguido, e morrerás em estado de coma”. E ele pergunta: “Quem é a senhora?” “Ela responde: “Eu sou Nossa Senhora das Vitórias, sua protetora”. Então ele vai até Belém do Pará, como nossa senhora tinha lhe recomendado, procurando a imagem da santa... e entra numa loja de santos... que tinham vindo de Lisboa... procurando pela imagem de Nossa Senhora das Vitórias. Aí o rapaz disse: “Não conheço essa santa. O senhor vendo... eu fiz muito pedido de Lisboa, mas não fiz pedido dessa santa. O senhor vendo a imagem, o senhor conhece?” Ele respondeu: “Perfeitamente”... com a voz grossa, sabe. Então, num cantinho, ele encontrou a santa. Apenas uma imagem. O rapaz então lhe disse... “É possível?”... ele respondeu que sim... então o moço lhe disse: “Fiz vários pedidos a Lisboa e não fiz dessa santa, ela veio de agrado, ela veio por acaso”. Então ele veio pra Carnáuba... trazendo a santinha. Quando ele voltou, conheceu o primeiro médico de Carnáuba, Flávio Maroja, paraibano; então ele disse: “Pedro, mas que lugar mais lindo, vamos passear nesse lugar” (o Serrote do Galo). Então eles foram até lá... e o Doutor Flávio falou: “Mas um lugar bonito

desse, ninguém nunca pensou aqui em nada... em transformar isso num lugar de turismo?"E meu pai disse: "Aqui é um lugar sagrado, onde o Galo cantou anunciando à meia-noite... aqui é pra ser um local de oração". Então ele se juntou com outros que tinham condições, influência... colocaram o Cruzeiro que está lá até hoje. Papai era um homem muito bom... muito devoto, muito católico. Ele rezou trinta e um anos pra Nossa Senhora aqui na igreja, e no dia 31 de maio de 1960 ela veio buscar ele... às seis horas da manhã..

A História Oral documenta uma memória coletiva ou individual quando aquilo que aconteceu necessariamente é ressignificado; nada do que vêm à tona é narrado como de fato aconteceu; emerge como reinterpretação do passado permeado por todo acúmulo das experiências de vida. O relato de Júlia Albertina deu-se numa esfera de forte emoção, ao lembrar-se de seu genitor. O esforço rememorativo fez-se presente durante toda a entrevista; vale lembrar que a memória individual não opera de modo automático e ininterrupto, principalmente após certa idade e no trato de eventos ou pessoas que integram de forma tão íntima a nossa história. Sendo assim, eventuais informações orais podem ter sido fragmentadas ou legadas a um estado imêmore

Isso não significa que a história oral constitui apenas a reminiscência pessoal, uma vanglória dos bons tempos; é sabido que com sua humanidade e freqüentemente sua emoção, a memória particular pode proporcionar uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas, mas a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente e da inteligência com que tipos diferenciados de fontes são aproveitadas e operadas harmoniosamente³⁵.

Fazendo convergir várias vertentes de abordagem, temos o encontro entre a história remota e mítica do canto do galo, em fins do século XIX, a devoção de Pedro Alberto a Nossa Senhora das Vitórias, no início do século passado, e a instalação do cruzeiro comemorativo da fundação de Carnaúba dos Dantas em 25 de outubro de 1928, quando ocorre também a doação oficial por parte de Pedro Alberto da imagem da Santa³⁶.

Somados, estes eventos resultam no crescimento práticas devocionais e na construção do Conjunto Religioso do Monte do Galo, que se configura, atualmente, em espaço das mais diversas representações de fé por parte dos romeiros, especialmente das populações seridoenses. Ainda sobre a construção deste santuário, temos o seguinte registro num jornal da primeira metade do século XX:

Tiveram os operários que trabalhar quase sobre o abismo que se cava ao pé da cruz. Dadas as proporções, não é obra inferior a do Cristo no Corcovado. Enquanto por lá anda a alta engenharia, com maquinismos modernos, em Carnaúba teve apenas o esforço e a prática de homens (...) chefiados por Pedro Alberto Dantas³⁷.



Figura 1: A inauguração do Cruzeiro do Monte do Galo, em 25 de outubro de 1928. Acervo particular de João Evangelista.

Também o poeta sertanejo nos relata a construção deste santuário:

Pobre, rico, preto e branco
Trabalharam o ano inteiro
Uns ajudavam em serviço
Outros ajudavam em dinheiro
E na maior devoção
Terminou a construção
Da capelinha e do cruzeiro³⁸

Os festejos dedicados a Nossa Senhora das Vitórias começaram, efetivamente, em 1929, de 23 a 25 de outubro – sendo o último a comemoração do dia da santa, mantidos até hoje dessa forma. Em 1930 deu-se a benção de sua pequena capela, construída no topo do monte, numa cerimônia onde ocorreu grande número de devotos³⁹.

Desde sua inauguração, o Monte vem sendo sítio de romarias, anualmente no mês de outubro. O jornal “O Poti”, em 28 de outubro de 1973 diz o seguinte:

O Monte do Galo, há mais de 50 anos, passou a ser um centro de atração religiosa dos mais visitados, no interior potiguar, pelos agricultores e familiares que acreditam no poder de Nossa Senhora das Vitórias, a exemplo do que foi feito por milhares de pessoas residentes em Carnaúba dos Dantas, bem como outros municípios daquela região.



Figura 2: Missa no Monte do Galo em 1949, onde já se nota a presença da Capela de Nossa Senhora das Vitórias. Acervo particular de João Evangelista.

O número de fiéis presente nas cerimônias religiosas cresceu largamente com o passar dos anos; já nos anos 70, os festejos foram transferidos para a Capela de São José, diante da impossibilidade do espaço anterior comportar a grande massa de devotos.

Na visão de Steil, “a romaria conecta o conteúdo universal do catolicismo ao local e situa o seu significado num espaço concreto que se torna portador de mitos que tecem as narrativas que circulam em torno do Santuário”⁴⁰.

Dentre as principais celebrações religiosas, além da tradicional Festa de Nossa Senhora das Vitórias, há também um momento católico de grande abrangência não só em Carnaúba dos Dantas, mas por toda a região do Seridó: a Festa de Santa Luzia e de São Bento, realizada no período de 02 a 13 de dezembro, sobre a qual iremos nos deter.

A Festa de Santa Luzia e de São Bento

*Numa manhã bem serena
O sol começava a raiar
A população carnaubense
Surpresa estava com os carros a buzinar
Transportando católicos do Seridó
Do município de Caico
Para promessa pagar.
(Auta Rodrigues de Carvalho, poetisa
carnaubense)*

Já na madrugada do dia 13 de dezembro, os romeiros chegam de quase todos os rincões do Seridó, transportados em ônibus, caminhões, vezes de pé, caronas, uma rede de transporte amalgamada pelos laços sagrados, onde se crê solidariedade. A maioria, do que foi registrado em relatórios de campo, são oriundos de cidades como Solânia – PB, Araras – PB, Casserengue – PB, Dona Inês – PB, Bananeiras – PB, Vila Maia – PB, entre outras. Por volta das 6h da manhã, subir o Monte já se torna tarefa intrincada devido à multidão que a ele acorre.

A cerimônia religiosa que atrai grande fluxo de devotos acarreta também a presença de grupos de pedintes, que fazem fila ao sopé do Monte, a suplicar aos romeiros por “trocados em nome de Jesus”; há, ainda, os ambulantes, que se instalam por toda a cidade de Carnaúba, especialmente em áreas próximas e no próprio Monte do Galo – a paisagem é tomada, inclusive, por pontos de venda fixos, e por todos os lados vêem-se terços, estátuas e quadros de santos, enfim, todos aqueles objetos do contexto católico que são símbolos da religiosidade popular.

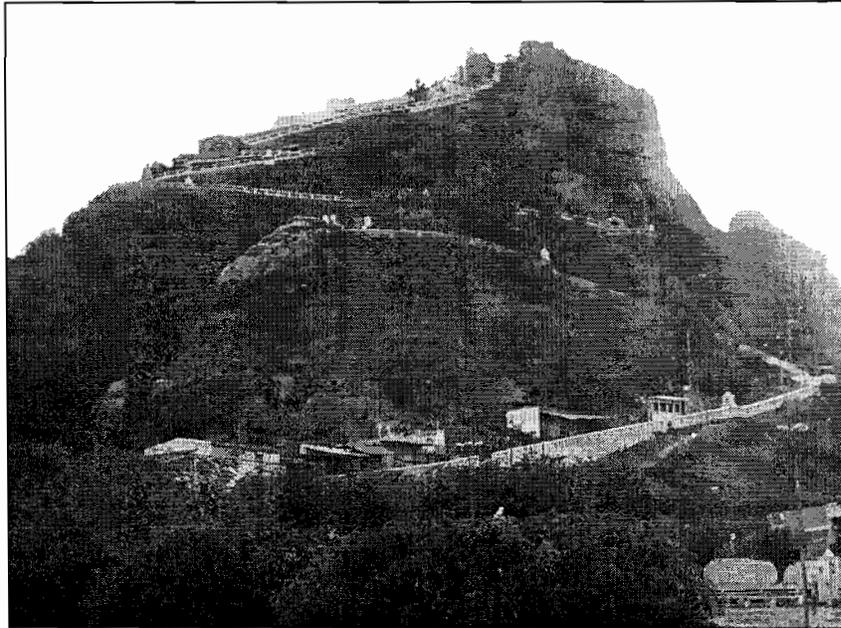


Figura 3: O Monte do Galo. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

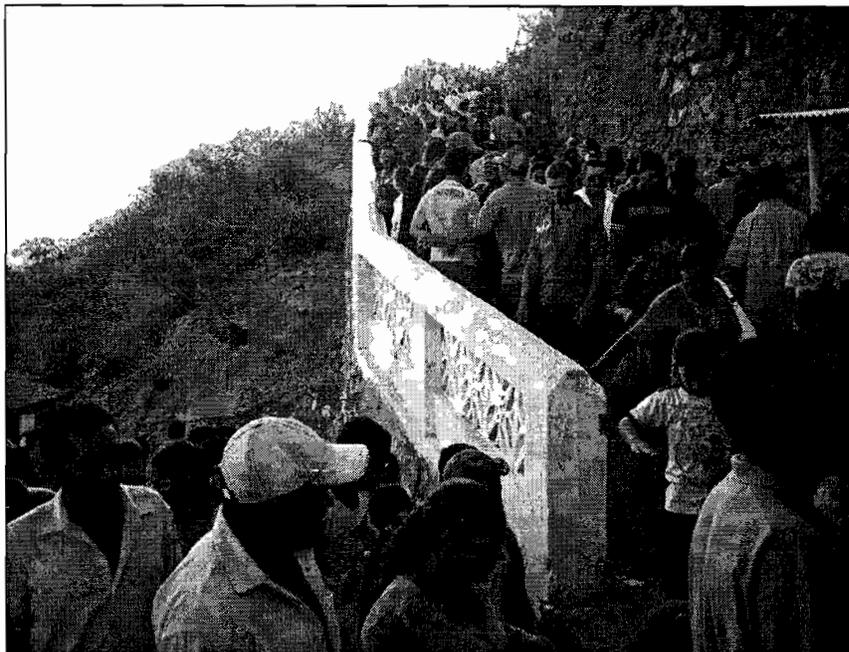


Figura 4: Fiéis subindo o Monte. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

Apesar de facilitada pelo caminho em *zig-zag* construído, a subida é bastante íngreme. Os fiéis sobem a pé, e nota-se a presença de andantes de todas as idades; na verdade, famílias inteiras acodem àquele lugar por em busca de proteção.

No caminho até o topo, são observadas 14 estações⁴¹ que retratam a Paixão de Cristo; a contemplação de seu sofrimento deve servir para lembrar aos fiéis que sem martírio não há redenção, além de rememorá-los para com a dívida que eles possuem para com Deus e seu filho, que se entregou à agonia da crucificação para salvar todos os pecadores. Esta reprodução acaba por fazer o homem sertanejo perceber a sua pequenez diante da onipotência divina, imputando-lhe culpa e remorso pelo calvário de Cristo.



Figura 5: Estação III: “Jesus cai pela primeira vez”. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

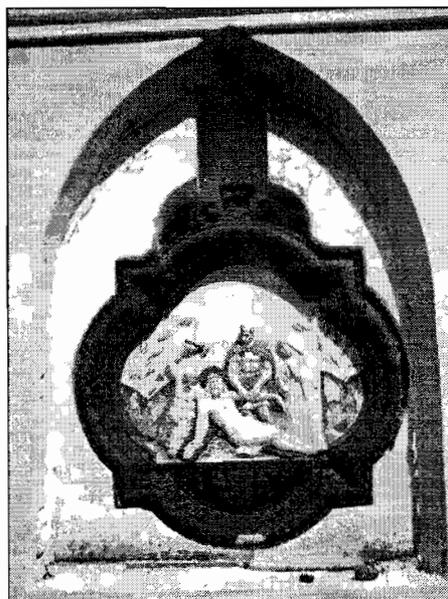


Figura 6: Detalhe da Estação XI: “Jesus é pregado na cruz”. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

Nestas estações, os romeiros costumam realizar orações e agradecer as bênçãos alcançadas. Procurando testemunhar sua gratidão ou do pagamento da promessa, muitos deles acendem velas sobre as estruturas, ou depositam *ex-votos*⁴², além de pedras, flores e até mesmo acanhadas quantias em dinheiro. Alguns chegam a escrever na própria estação palavras de agradecimento, misticismo que embora seja desaprovado pelos dirigentes do culto, persiste e se atualiza no espaço do Monte do Galo, como um modo de aproximação com o sagrado.



Figura 7: Testemunhos depositados pelos fiéis nas estações da *via-sacra*. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.



Figura 8: Romeiro sobe o Monte de joelhos. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

Alguns romeiros que aproveitaram a Festa de Santa Luzia e São Bento para pagarem seus votos subiam, de joelhos, até o topo do Monte. Nesse ritual de sacrifício, acabavam por dar a sua experiência religiosa um ar dramático, mostrando-se muitas vezes imersos na sua subjetividade e na crença no sagrado.

Num ponto da subida, há uma pequena Capela com a imagem de Nossa Senhora das Vitórias e, mais adiante, percebemos também, a presença de túmulos; temerosos das penúrias e da condenação ao fogo eterno, os que dispõem de maiores recursos financeiros solicitam que seus corpos sejam depositados ali, naquele espaço sagrado, acreditando assim estarem protegidos da danação do Juízo Final. Além disso, o local da devoção faz com que o romeiro se sinta mais próximo do seu Santo e de Deus⁴³.

Num dos pontos mais altos, volta-se a evocar o *calvário*, composto por estátuas que aglomeram ao seu redor grupos de romeiros, que rezam, acendem velas e depositam ex-votos. Há, também, um monumento dedicado a Pedro Alberto Dantas que neste dia também estava repleto de testemunhos e ex-votos.

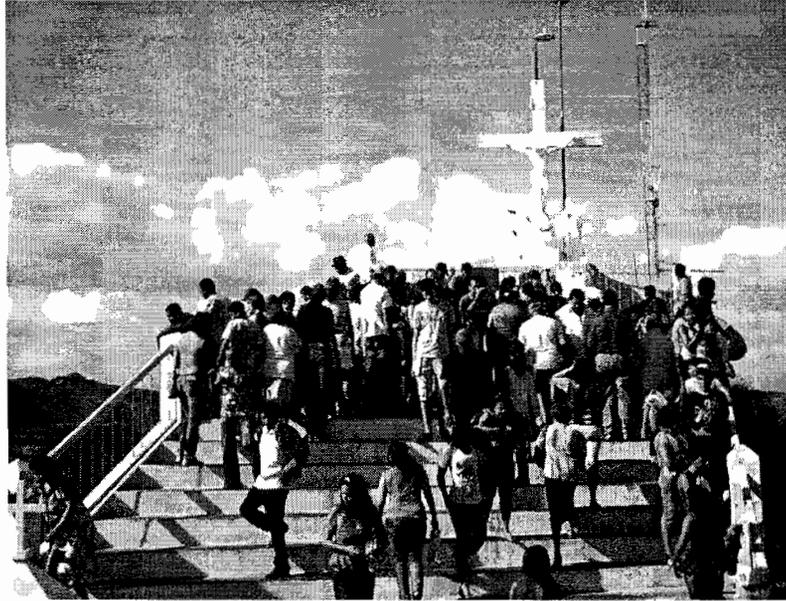


Figura 9: Cena do Calvário. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.



Figura 10: Monumento dedicado a Pedro Alberto Dantas. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

No topo do Monte, a Capela de Nossa Senhora das Vitórias é, indubitavelmente, o espaço mais disputado entre os romeiros. E, na altura de 155m, ergue-se o Cruzeiro, construído em cimento armado, medindo 9m, pensado como um marco da fundação de Carnaúba dos Dantas, em homenagem a Caetano Dantas Correia (1710-1797), considerado ainda hoje pela oralidade como o “fundador” da cidade⁴⁴. Contudo, a despeito de seu significado glorioso, o Cruzeiro denota a intensidade do símbolo e da religiosidade cristã no Seridó.

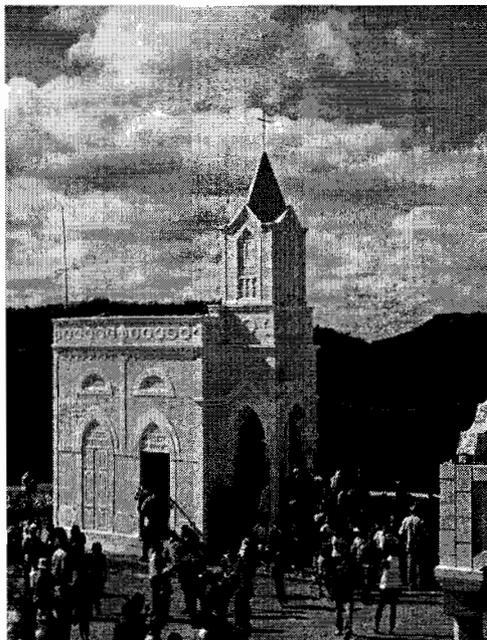


Figura 11: Capela de Nossa Senhora das Vitórias. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.



Figura 12: O Cruzeiro do Monte do Galo. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

A cerimônia religiosa culmina com a realização de uma Missa num palco armado em frente à Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Após os rituais litúrgicos, ocorre uma procissão com as imagens de Santa Luzia e de São Bento pela cidade, finalizando assim os festejos oficiais dedicados a estes santos. Entretanto, as romarias persistem no decorrer de todo ano, principalmente aos domingos quando é celebrada a Santa Missa no sopé do Monte do Galo na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; uma vez por mês, é celebrada a missa na Capela de Nossa Senhora das Vitórias, no cimo do Monte.



Figura 13: Procissão com a imagem de Santa Luzia. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.



Figura 14: Procissão com a imagem de São Bento. Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A continuidade de investigações neste espaço religioso certamente resultará profícuas contribuições ao campo da História das Religiões e das Religiosidades. A partir desta investigação, apresentamos subsídios históricos à compreensão das práticas devocionais católicas que ocorrem no Conjunto Religioso do Monte do Galo. A pesquisa exploratória foi construída a partir de um diálogo permanente entre passado e presente, partindo de fontes documentais primárias do início do século XX – jornais, fotografias -, ao trabalho etnográfico empreendido durante a Festa de Santa Luzia e São Bento e às entrevistas realizadas; assim, fez-se convergir várias vertentes de abordagem, como a História, a Etnohistória e a História Oral, o que permitiu compreender como se perpetua a sacralização deste santuário por um número cada vez maior de devotos, o que configura o Monte do Galo em espaço de intensas demonstrações de fé e de religiosidade. Não obstante o crescimento das mencionadas devoções no alvorecer do século XXI, percebemos uma tensão ininterrupta entre a hierarquia clerical e grande parte dos devotos, decorrente de um processo de disciplinamento que a Igreja busca impor para uma devoção de raízes leigas.

Sylvana Brandão
Departamento de História, UFPE

Fábio Mafra
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE

Edson Araújo
Curso de História, UFPE

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Maristela Oliveira de. **500 Anos de Catolicismos & Sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UEPB, 2002.
- AZZI, Riolando. **A Crisandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- _____. **As romarias no Brasil**. Revista de Cultura Vozes. Ano 73, v. LXXIII, n. 4, 1979.
- BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.
- _____. **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, v. I-IV.
- BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. In: *Religião e Sociedade*. V. 1. Rio de Janeiro, Iser, 2001.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CARVALHO, Auta Rodrigues de. **Histórico do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas, s/e, 1990.
- CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de História e Devoção**. Nossa Senhora das Dores, SE: Ass. de Incentivo à Pesquisa e à Cultura Nossa Senhora das Dores dos Enforcados, 2008.
- CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. **Breves, Diabruras e Inquisição: a prisão de Matias Guizanda**. CLIO. Série Arqueológica (UFPE), Recife: Editora UFPE, p. 137-164, 1989.
- DANTAS, Francisco Rafael. **A Verdadeira História do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007.
- DONATO, Sóstenes Portela Vieira. **Convento de Santo Antônio de Ipojuca em Pernambuco: reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008
- DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- JURKEVICS, Vera Irene. **Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Tese (Doutoramento em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- MARTIN, Gabriela. **Identidades no sertão do Seridó**. In: Pessis et all... **Arqueologia pré-histórica do Brasil: textos de divulgação científica**. Clío Arqueológica, número 21 – Vol:2. Recife, Editora UFPE 2006.

- MOTT, Luiz. **O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição**. Campinas, SP: Pairus, 1989.
- MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.
- MACEDO, Hélder. **Ocidentalização, territórios e populações indígenas no sertão da Capitania do Rio Grande**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007
- _____. **Vivências índias, mundos mestiços: relações interétnicas na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó entre o final do século XVIII e início do século XIX**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2002
- MOTTA, Roberto. **Bandeira de Alairá: A Festa de São João-Xangô e os Problemas do Sincretismo Afro-Brasileiro**. Ciência e Trópico, Recife, v. 3, n. 2, 1975.
- _____. **Transe, Possessão e Êxtase nos Cultos Afro-Brasileiros**. Cadernos PUC (São Paulo), São Paulo, v. 33, p. 109-120, 1988.
- PIRES, Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.
- PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.
- ROCHA PITTA, D. P. **Mitos e símbolos nos Xangô de Pernambuco**. Cadernos de Ciências Sociais (Porto). Recife: v. 1, n. 2, p. 263-267, 1985.
- SILVA, Lêda Cristina Correia da. **Frei Damião de Bozzano: Subsídios históricos à compreensão devocional**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- SOUZA, L. M.. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SCHNEIDER, Marília. **Memória e História (Antônio da Rocha Marmo) – Misticismo, santidade e milagre em São Paulo**. São Paulo: T.A.Queiroz/FAPESP, 2001;
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (organizadores). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- VAINFAS, R.. **A heresia dos Índios**. São Paulo: Companhia, 1995.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1981.

FONTES PRIMÁRIAS:

Jornais

O Cruzeiro do Monte do Galo. Diário de Natal, 8 de dezembro de 1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas “Donatilla Dantas”.

O Monte do Galo. O Poti, 28 de outubro de 1973. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas “Donatilla Dantas”.

Fotografias

Inauguração do Cruzeiro Comemorativo em 1928; missa realizada no Monte do Galo em 1949.

Orais

Entrevistas coletadas entre os dias 02 e 13 de dezembro; depoimento de Júlia Albertina Dantas.

NOTAS

- ¹ MOTTA, Roberto. *Bandeira de Alairá: A Festa de São João-Xangô e os Problemas do Sincretismo Afro-Brasileiro*. Ciência e Trópico, Recife, v. 3, n. 2, 1975; *Transe, Possessão e Êxtase nos Cultos Afro-Brasileiros*. Cadernos PUC (São Paulo), São Paulo, v. 33, p. 109-120, 1988.
- ² ROCHA PITTA, D. P. *Mitos e símbolos nos Xangô de Pernambuco*. Cadernos de Ciências Sociais (Porto). Recife: v. 1, n. 2, p. 263-267, 1985.
- ³ A este respeito, cabe destacar os quatro volumes da Coletânea organizada por Sylvana Brandão: *História das Religiões no Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, v. I-IV.
- ⁴ Comissão de Estudos da Igreja na América Latina e no Caribe.
- ⁵ Não cabe neste curto espaço discutir as permanências e rupturas entre as gerações da Escola dos Annales. A este respeito, aprofundar temática em DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992; BURKE, Peter. *A Escola dos Annales, 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991, entre outros.
- ⁶ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- ⁷ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ⁸ SOUZA, L. M.. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- ⁹ VAINFAS, R.. *A heresia dos Índios*. São Paulo: Companhia, 1995.
- ¹⁰ MOTT, Luiz. *O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição*. Campinas, SP: Paurus, 1989.
- ¹¹ CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. *Breves, Diaburas e Inquisição: a prisão de Matias Guizanda*. CLIO. Série Arqueológica (UFPE), Recife - PE, v. 1, p. 137-164, 1989.
- ¹² Tais como a Comissão de Estudos da Igreja na América Latina e no Caribe (CEHILA); a Associação Brasileira de História das Religiões – ABHR; o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Religiosidade (RELIGARE) do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UFPB; o Grupo de Pesquisa História e Religiões da Universidade Federal de Pernambuco, entre outros.
- ¹³ A exemplo de tais trabalhos podemos citar: SCHNEIDER, Marília. *Memória e História (Antônio da Rocha Marmo) – Misticismo, santidade e milagre em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 2001; BRANDÃO, Sylvana. *São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil*. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001, v. 3, p. 339-370; ANDRADE, Maristela Oliveira de. *500 Anos de Catolicismos & Sincretismos no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. CARVALHO, João Paulo Araújo de. *Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de História e Devoção*. Nossa Senhora das Dores, SE: Ass. de Incentivo à Pesquisa e à Cultura Nossa Senhora das Dores dos Enforcados, 2008; JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese (Doutoramento em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004; SILVA, Lêda Cristina Correia da. *Frei Damião de Bozzano: Subsídios históricos à compreensão devocional*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009; DONATO, Sóstenes Portela Vieira. *Convento de Santo Antônio de Ipojuca em Pernambuco: reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- ¹⁴ DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 493.
- ¹⁵ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- ¹⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 111.
- ¹⁷ STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ¹⁸ BRANDÃO, Sylvana. *São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil*. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001, v. 3, p. 339-370.
- ¹⁹ AZZI, Riolando. *A Cristandade Colonial: um projeto autoritário*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- ²⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- ²¹ BERGER, Peter L. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. In: Religião e Sociedade. V. 1. Rio de Janeiro, Iser, 2001, p. 10.
- ²² BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000; *A economia das trocas simbólicas*. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

-
- ²³ MARTIN, Gabriela. **Identidades no sertão do Seridó**. In: Pessis et all... **Arqueologia pré-histórica do Brasil: textos de divulgação científica**. Clio Arqueológica, número 21 – Vol:2. Recife, Editora UFPE 2006.
- ²⁴ *Idem*.
- ²⁵ MACEDO, Hélder. **Ocidentalização, territórios e populações indígenas no sertão da Capitania do Rio Grande**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- ²⁶ PIRES, Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002; MACEDO, Helder. **Vivências índias, mundos mestiços: relações interétnicas na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó entre o final do século XVIII e início do século XIX**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2002.
- ²⁷ AZZI, Rioldo. **As romarias no Brasil**. Revista de Cultura Vozes. Ano 73, v. LXXIII, n. 4, p. 39-54, 1979.
- ²⁸ CARVALHO, Auta Rodrigues de. **Histórico do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas, s/e, 1990; MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.
- ²⁹ *Idem*.
- ³⁰ BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001, v. 3, p. 358.
- ³¹ DANTAS, Francisco Rafael. **A Verdadeira História do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007.
- ³² MELO, H. **O Cruzeiro Comemorativo do Monte do Galo**. Natal: Diário de Natal, 08/12/1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas Donatilla Dantas.
- ³³ Em 19 de dezembro de 2008, com registro no Cartório Único de Notas de Carnaúba dos Dantas.
- ³⁴ Em 1907.
- ³⁵ PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.
- ³⁶ Esta imagem é conservada, atualmente, no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias.
- ³⁷ MELO, H. **O Cruzeiro Comemorativo do Monte do Galo**. Natal: Diário de Natal, 08/12/1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas Donatilla Dantas.
- ³⁸ DANTAS, Francisco Rafael. **A Verdadeira História do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007, p. 10.
- ³⁹ MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.
- ⁴⁰ STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 23.
- ⁴¹ Idealizadas por Dom José Adelino Dantas (1910-1983), em homenagem às principais famílias de Carnaúba dos Dantas.
- ⁴² Ex-votos são tipos variados de representações materiais que indicam que a graça foi alcançada pelo devoto, depositados nos santuários como forma de agradecimento pela graça recebida.
- ⁴³ STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ⁴⁴ No século XVIII, o Coronel Caetano Dantas inicia a ocupação no território de Carnaúba através da edificação de fazendas. Fonte: MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.